

Nas ondas da cidade: o ensino do surfe como prática corporal de aventura na escola

On the waves of the city: teaching surfing as an adventure sport in school

En las olas de la ciudad: la enseñanza del surf como práctica corporal de aventura en la escuela

Eduardo Santana Silva¹

Lethicia Oliveira Castilho²

Lorena Vitória de Souza Talaveira³

Mônica Costa Silva⁴

Larissa Beraldo Kawashima⁵

Resumo: O surfe é uma prática corporal de aventura na natureza realizada em regiões litorâneas (mar), sendo possível sua adaptação para piscinas. Pensando na realidade das nossas escolas, como podemos adaptar o ensino do surfe nas aulas de Educação Física, dialogando com temáticas de urgência social pertinentes e transversais às demais disciplinas da escola? O objetivo deste artigo é apresentar e avaliar uma proposta pedagógica para o ensino do surfe nas aulas de Educação Física no ensino médio integrado. A metodologia utilizada foi a pesquisa intervenção pedagógica e contou com a participação de 25 estudantes de um 3º ano do ensino médio integrado. As tematizações propostas foram capazes de fomentar o senso crítico e reflexivo dos estudantes, a partir da apresentação e discussão de temas contemporâneos transversais, como as questões de gênero e os preconceitos relacionados à cultura do surfe. A proposta didática aplicada se mostrou passível de ser replicada em outros contextos escolares, independente da escola possuir estrutura física e material, ficando a critério dos professores de Educação Física a adaptação necessária para sua realidade escolar.

Palavras-chave: Educação Física. Ensino Médio. Práticas corporais de aventura. Surfe.

Abstract: Surfing is a natural adventure practice practiced in coastal regions (sea), and it can be adapted for swimming pools. Considering the reality of our schools, how can we adapt the teaching of surfing in Physical Education classes, engaging with relevant socially urgent themes that are transversal to other school subjects? The objective of this article is to present and evaluate a pedagogical proposal for teaching surfing in Physical Education classes in integrated

¹ Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT – campus Cuiabá; Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. E-mail: santana.eduardo.silva.24@gmail.com.

² Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT – campus Cuiabá; Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Professora do Instituto Desportivo da Criança – IDC. E-mail: lethicia.edf@gmail.com.

³ Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT – campus Cuiabá. Professora e coordenadora do projeto social de esportes – Grupo Evidência. E-mail: lorenatalaveira@gmail.com.

⁴ Mestre em Educação Física, na área de atividade física e saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora de Educação Física na rede municipal de Florianópolis – SC. E-mail: monica.costa@prof.pmf.sc.gov.br.

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso — UFMT; Professora do Instituto Federal de Mato Grosso — IFMT campus Cuiabá; E-mail: larissa.kawashima@ifmt.edu.br.



high schools. The methodology used was pedagogical intervention research and involved the participation of 25 students from a third year of integrated high school. The proposed themes fostered critical and reflective thinking among students, based on the presentation and discussion of contemporary cross-cutting themes, such as gender issues and prejudices related to surfing culture. The pedagogical proposal applied proved replicable in other school contexts, regardless of the school's physical structure and materials. It is up to the Physical Education teachers to make the necessary adaptations to their specific school environment.

Keywords: Physical Education. High School. Adventure sports. Surfing.

Resumen: El surf es una actividad de aventura natural que se practica en zonas costeras (mar) y puede adaptarse a piscinas. Considerando la realidad de nuestras escuelas, ¿cómo podemos adaptar la enseñanza del surf en las clases de Educación Física, abordando temas relevantes y de urgencia social que sean transversales a otras asignaturas escolares? El objetivo de este artículo es presentar y evaluar una propuesta pedagógica para la enseñanza del surf en clases de Educación Física en escuelas secundarias integradas. La metodología utilizada fue una investigación de intervención pedagógica y contó con la participación de 25 estudiantes de tercer año de secundaria integrada. Los temas propuestos fomentaron el pensamiento crítico y reflexivo en los estudiantes, basándose en la presentación y discusión de temas transversales contemporáneos, como cuestiones de género y prejuicios relacionados con la cultura del surf. La propuesta pedagógica aplicada resultó replicable en otros contextos escolares, independientemente de la estructura física y los materiales de la escuela. Corresponde al profesorado de Educación Física realizar las adaptaciones necesarias a su entorno escolar específico.

Palabras clave: Educación Física. Enseñanza Secundaria. Prácticas corporales de aventura. Surf.

Introdução

As práticas corporais de aventura (PCAs), originalmente, têm como pressuposto o fato de serem realizadas em ambientes naturais. Contudo, atualmente são vivenciadas também em ambientes urbanos, o que as transformou em possibilidade de vivência no ambiente escolar, nas aulas de Educação Física, inclusive proposta em documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018).

Para Franco (2017), a partir da década de 1970, houve um grande desenvolvimento das atividades de aventura, tanto na diversificação quanto na organização dessas modalidades. Conseqüentemente, vem ocorrendo uma diminuição do nível de riscos envolvidos que, devido à demanda, passou a contar com empresas especializadas em equipamentos de segurança cada vez mais sofisticados.

Mesmo assim, os professores de Educação Física têm receio em abordar o tema “aventura” em suas aulas, seja pela limitação do conhecimento técnico, seja por falta de equipamentos adequados e/ou espaços físicos, ou ainda pelo risco físico que algumas práticas podem oferecer. Porém, os alunos não devem ser privados de “[...] terem outras experiências, mas sim mostrar a eles outras vivências possíveis presentes na cultura corporal de movimento e ampliar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolha” (Vieira; Carvalho, 2019, p. 60).

Sobre as atividades desenvolvidas no ambiente aquático, como o surfe, Gastão e

Godoi (2021, p. 149) destacam que “Água é vida, movimento, suavidade, força, fluidez!” Desta forma, podemos refletir o quanto as atividades no meio líquido, sejam radicais ou não, despertam o interesse de pessoas de todas as faixas etárias, seja por lazer, diversão ou exercício físico. Além disso, o mar, por si só, é um atrativo para a maioria das pessoas, com sua energia e ondas arrebatadoras que seduzem e celebram a vida.

As práticas corporais de aventura, que têm relação com a natureza, despertam o interesse de crianças e jovens da Educação Básica, que, embora nem todos tenham acesso às atividades aquáticas,

[...] durante a infância, adolescência, vida adulta ou terceira idade, é muito comum famílias e grupos de amigos se reunirem para ir a rios, lagos e praias para usufruírem da água, principalmente nos períodos mais quentes. Além disso, algumas pessoas têm o privilégio de ter piscinas em casa, outras improvisam banhos de mangueira ou até tomam banho de chuva para se refrescar e desfrutar dessa experiência. [...] no Brasil, uma minoria das escolas possui piscinas nas suas dependências, o que é uma barreira para professores e estudantes poderem vivenciar este conteúdo da cultura corporal de movimento. Segundo o Suplemento de Esporte do Perfil dos Estados e Municípios Brasileiros (IBGE, 2017), apenas 6,3% das escolas municipais no Brasil possuíam piscinas em 2016 (Gastão; Godoi, 2021, p. 149–150).

No que diz respeito ao surfe, nos últimos anos houve um crescimento significativo de praticantes da modalidade no mundo, sendo aproximadamente 30 milhões nas últimas décadas. Essa expansão do surfe que ocorre principalmente no Brasil justifica-se pelos mais de 8.000 quilômetros de extensão litorânea, sendo que boa parte das praias possui estruturas adequadas para prática de surfe; pelo turismo esportivo, a divulgação na mídia, o estilo de vida associado ao surfe e a visibilidade dos atletas brasileiros nas mídias sociais (Base *et al.*, 2007; Korsakas *et al.*, 2021). Dessa forma, observa-se que o surfe faz parte da cultura corporal do Brasil, entretanto, se restringe às cidades litorâneas.

Porém, a maioria das pessoas não tem acesso ao mar e às ondas para vivenciar o surfe. E agora, professor? Podemos adaptar o surfe na piscina? E quando não temos piscina na escola?

Pensar nessas questões, somando-se ao fato das limitações físicas e materiais das escolas, e na necessidade de tratar pedagogicamente práticas corporais que têm intrinsecamente o risco e a vertigem como elementos constituintes, é que esta pesquisa propõe pensar no ensino do surfe nas aulas de educação física. Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar e avaliar uma proposta pedagógica para o ensino do surfe nas aulas de Educação Física no ensino médio integrado.

Fundamentação teórica

O surfe é uma modalidade esportiva praticada na natureza, na qual se utiliza uma prancha para deslocar-se no mar. Para fazer esse deslocamento, é necessária a força propulsiva das ondas, que leva o praticante em direção à praia (Betrán; Betrán, 1995;

Moreira, 2009).

Na educação física escolar, o surfe é uma manifestação da cultura corporal de movimento, caracterizada como uma prática corporal de aventura, apresentada na BNCC (Brasil, 2018) como uma unidade temática que deve ser oferecida pelo componente curricular Educação Física em toda a Educação Básica. Entretanto, o documento faz indicação obrigatória de ensino da unidade temática somente para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Para o ensino médio,

[...] além da experimentação de novas [...] práticas corporais de aventura, os estudantes devem ser desafiados a refletir sobre essas práticas, aprofundando seus conhecimentos sobre as potencialidades e os limites do corpo, a importância de se assumir um estilo de vida ativo, e os componentes do movimento relacionados à manutenção da saúde. É importante também que eles possam refletir sobre as possibilidades de utilização dos espaços públicos e privados que frequentam para desenvolvimento de práticas corporais, inclusive as aprendidas na escola, de modo a exercer sua cidadania e seu protagonismo comunitário (Brasil, 2018, p. 484).

Entretanto, as possibilidades de experimentação e adaptação das PCAs nas aulas de Educação Física no Ensino Médio são diversas, cabendo ao professor adotar práticas pedagógicas que estimulem e desafiem seus alunos a buscar novos conhecimentos, refletindo e dialogando com outros temas da cultura corporal de movimento, como o Lazer, Saúde, Mídia, entre outros.

As práticas corporais de aventura caracterizam-se por explorarem formas de “[...] experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador” (Brasil, 2018, p. 218). Elas também têm a vertigem e o risco controlado como elementos essenciais, podendo ser classificadas conforme o ambiente em que ocorre a prática: natureza ou urbana. Na natureza, temos como exemplo o próprio surfe (tema desta pesquisa), corrida de orientação, rapel, arvorismo etc. As práticas de aventura urbanas têm como cenário a cidade, tendo como exemplo o skate e o parkour.

A inserção das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física na escola propicia o acesso dos estudantes às experiências que antes eram exclusivas de domínio público e hoje é um privilégio de minorias (Corrêa, 2020).

[...] encontram-se práticas corporais junto à natureza como parte da cultura de comunidades indígenas, ribeirinhas e rurais. Por exemplo, a prática de canoagem é comum em comunidades de pescadores e ribeirinhas. Essas práticas são realizadas tanto para a subsistência, o transporte e o lazer (Corrêa, 2020, p. 5).

Portanto, mesmo que ensinar o surfe em cidades que não possuam litoral seja um fator limitante, é tarefa da Educação Física escolar garantir que os alunos experimentem as mais variadas práticas da cultura corporal de movimento, oferecendo instrumentos para que essas práticas corporais sejam apreciadas criticamente. De acordo com Darido (2012), a oportunidade de vivenciar outras práticas corporais para além das tradicionais

pode facilitar a adesão dos alunos, por haver maior possibilidade de identificação.

Nos últimos anos, o surfe vem crescendo significativamente no mundo, mas sua prática se limita às cidades litorâneas e centros de piscinas com ondas. A fim de popularizar mais ainda o surfe, alguns métodos vêm sendo desenvolvidos para suas práticas, como o surfe na piscina, método *indoor surf* (Amaral; Dias, 2008; Brasil Surfe, 2008). Essa adaptação do surfe vem com a proposta de manter o praticante ativo no esporte, quando este possui dificuldade de acesso aos litorais.

Na cidade de Curitiba, por exemplo, houve uma adaptação de centros de treinamento com piscina sem ondas para oferecer a modalidade de surfe. Para tanto, utilizou-se prancha de *softboard*, um material feito com espuma que possui alta fluabilidade, possibilitando a flutuação na piscina. Sendo assim, aprender a surfar na piscina é possível, de forma mais rápida, eficiente e segura do que no mar. Outras formas de trabalhar com o surfe mesmo em locais sem água são as adaptações das atividades e materiais, como o uso de pranchas de equilíbrio e treinamento funcional voltado para o surfe (Pádua, 2018).

Essas possibilidades de ensino do surfe abrem portas para a oferta dessa modalidade em outros espaços, como a escola, a fim de que o aluno possa experimentá-la e vivenciá-la. Em um estudo realizado por Araújo, Silva e Oliveira (2018) sobre o método de ensino da modalidade surfe desenvolvido e aplicado por um professor de Educação Física e instrutor de surfe na educação básica, concluiu-se que o surfe pode ser oferecido nas aulas de educação física, proporcionando aos alunos tal vivência. Embora as aulas tenham acontecido em uma cidade litorânea, o método foi desenvolvido em sua maior parte na sala de aula e na quadra, utilizando-se de materiais adaptados, como simuladores de surfe.

Para Rocha e Silva (2018, p. 139), o surfe, além de possibilitar avanços nos aspectos físicos e motores, “[...] é responsável também por imprimir movimentos culturais e sociais específicos que se repercutem, portanto, fora do mar”. Assim, os autores afirmam que o surfe é um importante campo de intervenção pedagógica, sendo “[...] uma prática corporal dotada de relações que estão para além da dimensão física e do convívio no/com o mar, carregada de significados culturais e sociais”.

Nesse sentido, a abordagem do surfe na escola não visa a formação de atletas, e sim a vivência e experimentação da modalidade, e os benefícios elencados na prática. Portanto, é possível que seja realizada para além dos seus ambientes formais de prática.

Metodologia

A pesquisa foi realizada durante as aulas de Educação Física do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT

(*campus* Cuiabá), especificamente a turma do 3º ano A do curso técnico em secretariado, contando com 25 estudantes matriculados, sendo 22 mulheres e 3 homens. Foram aplicadas 16 aulas de 50 minutos, durante 8 semanas (aulas duplas), entre os meses de abril a julho de 2022. As aulas foram planejadas e aplicadas por três estudantes-bolsistas do curso de Licenciatura em Educação Física do IFMT, sob supervisão da professora pesquisadora, que também era regente da turma do 3º ano A.

A pesquisa foi aprovada pelo Edital 51/2021 — PROPES/RTR/IFMT — Projeto de Pesquisa Aplicada — Cota *Campus* — Edital de Pesquisa e, também, autorizada pelo Comitê de Ética sob o número CAE 38737220.4.0000.8055. Todos os estudantes receberam e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e, os menores de idade, contaram com a autorização dos pais/responsáveis legais por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa baseia-se nas orientações da pesquisa do tipo intervenção pedagógica, que inclui o planejamento e implementação de intervenções (mudanças, inovações pedagógicas), destinadas a alcançar progressos, melhorias nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam, e a posterior avaliação dos efeitos dessas intervenções.

Para a análise e discussão dos dados, detalharemos o planejamento das aulas e o relato da experiência de intervenção realizada. Na sequência, apresentaremos o *feedback* sobre a Unidade Didática pelos estudantes participantes da pesquisa, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário aplicado via formulário eletrônico (*Google Forms*).

Essa abordagem foi utilizada para os estudantes poderem relatar sobre como foram as suas experiências e conhecimentos adquiridos no decorrer das aulas, além de opinar e realizar sugestões sobre a metodologia utilizada. Para análise do questionário, utilizamos a análise descritiva (Soriano, 2004), na qual cada questão gerou categorias temáticas, agrupadas, analisadas e que serão apresentadas a seguir.

Análise e discussão de dados

Para a elaboração da unidade didática aplicada com as turmas de ensino médio, primeiramente foram selecionados os conteúdos que poderiam ser ensinados nas três dimensões do conteúdo (Darido, 2012), detalhadas no quadro 1, que resume os conteúdos selecionados.

Quadro 1: Conteúdos selecionados.

Dimensões do conteúdo	Conteúdos
Conceituais Temas contemporâneos transversais (Brasil, 2018).	<ul style="list-style-type: none">• História• Como e onde surgiu• Como chegou ao Brasil• Como se popularizou no Brasil e no mundo• O surfe e as capacidades físicas• História social do surfe atrelada à história tecnológica das pranchas• O surfe como esporte Olímpico• Referências do surfe no Brasil• A filosofia do Surfe• Cultura do Surfe• Gênero• Pessoas com deficiência (PCDs)• A relação do surfe com o meio ambiente• Áreas de preservação ambiental• Consumo• Reciclagem e destinação adequada do lixo.
Procedimentais	<ul style="list-style-type: none">• Fundamentos básicos: Saber remar deitado na prancha; sentar-se na prancha; Apanhar (pegar ou entrar) a onda; Ficar em pé; Descer e percorrer a onda; Mudar de direção na onda enquanto desliza.• Manobras: Floater; layback; 360; tubo; aerial, etc.
Atitudinais	<ul style="list-style-type: none">• Regras Básicas seguidas pelos praticantes de surfe;• Os 12 mandamentos do Surfe: Código de Surfista;• A relação do surfe com o meio ambiente: atitudes e respeito ao meio ambiente.

Fonte: Construção dos autores (2022).

Após a seleção dos conteúdos, organizamos e aplicamos a unidade didática sobre o surfe para a turma de 3º ano A do Ensino Médio integrado do IFMT (*campus Cuiabá*). Acreditamos na importância de diversificar as nossas estratégias didáticas, exibindo vídeos sobre a cultura do surfe, documentários que abordam a questão do consumo exacerbado e a produção do lixo para correlacionar com o meio ambiente, proposição de apresentação de seminários relacionando o surfe como uma atividade além de um esporte, associando temáticas de relevância social, de modo que os estudantes pudessem realizar discussões de forma aprofundada.

A elaboração da unidade didática para ensino do surfe nas aulas de Educação Física na escola buscou tematizar e problematizar questões referentes ao surfe e não apenas ao ensino dos conceitos históricos e técnicas para aprender a “surfear”. Desta forma, a Educação Física na escola é um espaço importante para tematizar assuntos emergentes para nossa sociedade, como defendem Santos, Garcia e Leitão (2023, p. 22), “[...] especialmente por meio do Surfe, porque estabelece relações de aprendizagem de respeito ao ambiente da prática (mar) e cuidado com a natureza”.

Primeira Aula — Ponto de partida

Para darmos início à proposta de intervenção do projeto, apresentamos à turma a justificativa do projeto, os integrantes, o desenvolvimento cronológico e quais conteúdos abordaríamos sobre o surfe ao longo do bimestre. Como ponto de partida, realizamos

profissionalização enquanto modalidade esportiva.

Em seguida, os estudantes experimentaram as bases do surfe (goofy ou regular). A base regular é quando você surfa com o pé esquerdo à frente e o direito atrás; a base goofy é o oposto, com o pé direito na frente e esquerdo atrás. O próximo fundamento básico vivenciado foi o movimento da remada, seguido pelo drop (movimento crucial de passar da remada para a posição em pé) utilizando steps (plataforma ajustável para simular subidas e descidas em atividades de ginástica).

A próxima atividade foi uma estafeta para montagem de uma prancha. A turma organizou-se em duas equipes. O objetivo era cada equipe buscar um step por vez sem colocar os pés no chão, criando suas estratégias para cumprir a atividade.

Terceira Aula — Mandamentos do surfe

Essa foi a primeira aula realizada na piscina. Abordamos os mandamentos do surfe, que consistem na filosofia que o surfista deve seguir não apenas na água, mas como modo de vida, e os fundamentos básicos para a prática do surfe, como as bases e a importância do core (músculos do abdômen, lombar, pelve e quadris) do corpo humano, responsável pelo equilíbrio do corpo relacionado às manobras.

O perfil da turma era majoritariamente feminino e nem todas quiseram entrar na piscina, alegando não querer molhar o cabelo. Mesmo assim, pedimos para que participassem da aula realizando movimentos que não precisassem estar dentro da piscina. O primeiro fundamento realizado foi a batida de pé. Cada estudante, em posse do step, deveria bater o pé para se deslocar até a borda da piscina e voltar. Em seguida, deveriam realizar o mesmo trajeto utilizando-se da remada (com as mãos).

Novamente, utilizamos a estafeta como estratégia pedagógica. Organizados em duas equipes, o objetivo era buscar uma peça do quebra-cabeças por vez, do outro lado da borda da piscina. As integrantes de cada equipe que não quiseram entrar na piscina deveriam montar o quebra-cabeças que continha os mandamentos do surfe, conforme ilustra a figura 2. A equipe que realizasse a tarefa em menor tempo seria a vencedora.

Figura 2: Quebra-cabeças com mandamentos do



surfe.

Fonte: Acervo dos autores (2022).

Quarta Aula — Surfe, consumo e meio ambiente

Na aula seguinte, realizada em sala de aula, tivemos como objetivo compreender e discutir a sociedade de consumo, os impactos no meio ambiente e a relação com o surfe. Para isso, exibimos o documentário “Ilha das Flores”⁷, que retrata a vida das pessoas em um aterro sanitário na cidade de Porto Alegre/RS e como o modo de produção e consumo baseado nos moldes do sistema capitalista gera o lixo, além das desigualdades sociais.

Apresentamos a atuação do Brasil na produção e consumo do plástico, o papel desempenhado pelas indústrias que utilizam o plástico em diversas cadeias produtivas, os impactos diretos e indiretos nas praias brasileiras e, conseqüentemente, no surfe, baseados em um material informativo publicado pela fundação alemã Heinrich Boll, Atlas do Plástico (2020). Trouxemos também o panorama atual da legislação brasileira referente à gestão e gerenciamento de resíduos sólidos. A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei n.º 12.305/2010, estabelece diretrizes, instrumentos e responsabilidades para o setor público e a iniciativa privada. Todas as questões envolvendo o problema do lixo estavam abarcadas nos conceitos sobre sociedade de consumo, em diálogo com a obra de Zigmunt Bauman (2007), intitulada “Vida Líquida”. A apresentação trouxe informações gerais tentando fazer um elo com a vida de consumo exacerbada e o surfe.

Após a apresentação desses conceitos exibimos um breve vídeo intitulado “Quanto custa o outfit” (significa “a roupa do momento”). O vídeo apresenta um encontro organizado por jovens que contabilizam o valor da sua vestimenta como forma de *status* social. A exibição do vídeo, que era de conhecimento de vários estudantes da turma, gerou um debate sobre a forma de se relacionar entre as pessoas e de como este relacionamento foi modificando-se ao longo das gerações, trazendo à tona o conceito de liquidez, apontado por Bauman (2007), em que as relações não são duráveis e não se solidificam; em tempos líquidos, nada é feito para durar.

Quinta Aula — Surfando na Piscina

A aula foi realizada na piscina. Utilizamos as 3 pranchas de surfe adquiridas para o projeto, de *longboard*, que é um tipo de prancha maior (2,70 m de comprimento por 0,58 m de largura), mais larga e adequada para o uso em piscinas por garantir maior estabilidade. Antes de “surfarmos na piscina”, apresentamos as partes anatômicas de uma prancha de surfe (borda, bico, longarina, *deck*, fundo, quilha e rabeta) e explicamos as funções de cada uma delas.

A primeira atividade na piscina consistiu em lembrar a remada, já experienciada com o uso dos *steps*. Depois, o sentar-se sobre a prancha e, por fim, o *drop*. Ao final, a turma conseguiu executar de forma sequencial as três etapas do surfe: remada, *drop* e o equilíbrio sobre a prancha.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EtZOS5s6UQ>. Acesso em: 34 de nov. de 2023.

Sexta Aula — Surfe e skate

Pelo fato do surfe ser o precursor do *skate*, fez-se importante trazermos essa vivência, mesmo em um curto espaço de tempo, para que os estudantes pudessem estabelecer uma relação entre as duas modalidades. A aula foi realizada na quadra, com a utilização de 14 *skates* (oriundos de outro projeto de pesquisa). Porém, antes de iniciarmos as atividades práticas, foi realizado um acordo com a turma sobre o gerenciamento do risco, para que, ao subirem no *skate*, estivessem sempre acompanhados de um colega, para reduzir o risco de acidentes. Assim, abordamos a temática de que a base do *skate* é a mesma do surfe (*Goofy* e *Regular*).

Nesse sentido, os alunos já estavam mais familiarizados com a forma da base. Entretanto, o equilíbrio ainda era algo a ser superado. Percebemos que alguns possuíam facilidade, enquanto outros apresentavam maior dificuldade. Então, propusemos que os estudantes deslocassem aqueles que estavam sobre o *skate*, segurando suas mãos.

Para a aula tornar-se mais interativa, foi realizada uma estafeta, na qual a turma se dividiu em 3 grupos de números iguais para pegarem peças de um quebra-cabeça. Cada integrante deveria se deslocar com o *skate* (em pé ou sentado), um por vez, e buscar uma peça do quebra-cabeça, e o grupo que primeiro montasse ganhava.

Sétima Aula — Seminários sobre o surfe

Para ampliar os conhecimentos de relevância social sobre o surfe, propusemos a apresentação de seminários com os seguintes temas: a cultura do surfe; surfe e gênero; surfe e pessoa com deficiência; e surfe enquanto modalidade olímpica. Cada grupo ficou responsável por apresentar um destes temas.

O grupo com a temática “A cultura do surfe” contextualizou a relação do surfe com o estilo de vida, os benefícios aos seus praticantes, sua profunda relação com a natureza, o mercado de consumo voltado para o surfe e as produções artísticas (música, literatura e cinema) que tinham o surfe como tema central.

O grupo com a temática “Surfe e gênero” abordou a inserção das mulheres no surfe global, as principais personalidades femininas no surfe brasileiro e a luta pela igualdade na busca pelo reconhecimento das mulheres no esporte. Destacaram atletas negras, mulheres transgênero e trouxeram curiosidades, como os “cachorros surfistas”.

O grupo com a temática “Surfe e pessoa com deficiência” retratou a origem do surfe adaptado e sua relação com o pós-guerra mundial, as pranchas de surfe para atender às necessidades de cada praticante, os principais atletas (homens e mulheres) do surfe adaptado e sobre projetos sociais voltados para o surfe adaptado.

O grupo com a temática “Surfe enquanto modalidade olímpica” fez apontamentos sobre o marco legal que transformou o esporte em modalidade olímpica, os sistemas de disputas nos jogos olímpicos realizados em 2020 (Tóquio), o surfe brasileiro como potência esportiva e seus principais atletas (homens e mulheres).

Oitava Aula — O surfe e o surfe do asfalto: a relação do surfe e skate

Esta foi a última semana do projeto, na qual disponibilizamos o questionário final para que os estudantes avaliassem as aulas do projeto. Em seguida, tivemos que adaptar o planejamento da aula para uma vivência na quadra, utilizando novamente os *skates*, pois a piscina da instituição entrou em reforma para os jogos dos Institutos Federais. Como o *skate* surgiu na Califórnia, nos Estados Unidos da América, com os surfistas, tentamos estabelecer relações e similaridades entre as duas modalidades.

Como os estudantes já tinham vivenciado a base na sexta aula, exploramos a remada e a batida, que são fundamentos básicos do *skate*. No final da aula, por meio de uma roda de conversa, ouvimos os relatos de cada estudante, relacionando a vivência do surfe e do *skate*, os quais apontaram detalhes de cada experiência que tiveram, os riscos envolvidos em cada uma delas e seus desafios. Alguns relataram que o *skate* era mais fácil, pelo motivo de estar em chão firme. Outros preferiram a piscina, por transmitir maior sensação de segurança no caso de quedas durante a prática. Nesse momento, explicamos que, pelo fato de ser um ambiente controlado, o risco de se machucar era quase nulo, diferente de ser exposto à natureza.

O feedback dos estudantes sobre as aulas

Na última aula do projeto, foi disponibilizado aos estudantes um questionário, via *Google Forms*, para que avaliassem a unidade didática. Dos 25 estudantes da turma, 16 responderam ao questionário. Após a obtenção das respostas, foi realizada a análise das questões, que serão apresentadas a seguir, conforme a ordem do questionário.

Na primeira questão, buscamos identificar o conteúdo aprendido pelos alunos, questionando-os sobre “**O que você aprendeu durante as aulas do projeto de surfe?**”. Nas respostas obtidas, os estudantes se referiram à história, à cultura, ao estilo de vida e às capacidades físicas presentes nas Práticas Corporais de Aventura trabalhada, além de algumas competências socioemocionais. Desta forma, as categorias de análise se limitaram a três, correspondentes aos conteúdos nas três dimensões: 1) conteúdos conceituais; 2) conteúdos procedimentais; e 3) conteúdos atitudinais.

A primeira categoria corresponde aos “conteúdos conceituais” que, para Darido (2012), delimita-se àqueles relacionados à transformação na história e da sociedade. Como exemplo, a estudante 2 diz: “Aprendi sobre a história do surfe, principais atletas, a cultura por trás do surfe, participação das mulheres e animais no surfe”. Além desta, outras respostas se destacaram:

Aluna 14: Estilo de vida e existem várias categorias no surfe, por exemplo: com cachorros, adaptado.

Aluno 12: Sobre a origem do surfe, com os seminários eu pude me aprofundar ainda mais em tópicos de suma importância.

Aluna 16: Aprendi a origem do Surfe, como o surfe envolve a nossa vida de diversas maneiras até em filmes, a cultura, o estilo de vida, as regras e campeões e também que animais tem competição de surfe.

Ao analisar os comentários dos estudantes, percebemos que houve um aprendizado sobre os conceitos relacionados ao surfe, sobre o “estilo de vida”, “os tipos de surfe”, “origem”, “regras”, “cultura”, entre outros.

Libâneo (2006) ressalta a importância de uma aprendizagem significativa que possa extrapolar os muros da escola. Essa ideia encontra sua materialidade por meio da resposta da estudante 16, que aprendeu a história do surfe e foi além, percebendo que o surfe não é um esporte exclusivo das cidades litorâneas, mas da sociedade, pois essa prática está presente também nos filmes.

Outro ponto importante foi o fato de os estudantes apresentarem um seminário como avaliação. Nesse sentido, a turma apresentou uma prática de surfe diferente das apresentadas pelo professor, que para a estudante 16, foi o “surfe dos animais”. Denota-se que o seminário proporcionou conhecimentos significativos para a turma, demonstrando que os estudantes também podem ensinar uns aos outros.

Um outro ponto de destaque foi a abordagem dos “conteúdos procedimentais”, que foram as vivências com o surfe e atividades lúdicas por meio de brincadeiras. Diferente dos “conteúdos conceituais”, mais valorizados nas falas dos estudantes, esta dimensão do conteúdo teve pouco destaque, mas nota-se a sua importância, como, por exemplo, no relato da estudante 5, que ressaltou a aprendizagem “Sobre equilíbrio, concentração” ou como a estudante 13, que falou “Aprendi sobre a base do surfe”.

A partir das aulas práticas de surfe, os estudantes aprenderam os conhecimentos técnicos, vivenciados durante as aulas, sejam eles dentro ou fora da piscina, como se observa em alguns relatos:

Aluna 10: Os tipos de bases do surf, as manobras.

Aluna 18: Manobras com a prancha e equilíbrio.

Aluna 4: Equilíbrio, concentração.

Ao analisarmos o retorno dos estudantes, foi possível perceber que grande parte deles conseguiu assimilar os mesmos conteúdos, mostrando que compreenderam o conceito e execução das bases do surfe (Goofy e Regular), e sobre o equilíbrio, importante para ficar em pé em cima da prancha, fazendo com que as duas habilidades se juntem para executar o movimento do drop. Nesse sentido, Libâneo (2006) sugere que, antes de se apresentar um conteúdo novo, é importante trazer a base anterior (nesse caso, a base do surfe), para somente assim iniciar o próximo (em nosso planejamento, o equilíbrio). Em outras palavras, quando os estudantes conhecem a base, facilita-se o domínio da habilidade.

Por fim, na terceira categoria de análise, que se refere às atitudes e valores, os estudantes as relacionaram com as vivências, a história e a cultura. A estudante 2, que destacou as atitudes compreendidas por ela: “Foi algo mais puxado pra natureza também, contato com o interior e equilíbrio emocional”. Comparado às outras dimensões do conteúdo, houve poucos comentários, mas com respostas relevantes:

Aluna 1: A maneira como os surfistas vêem a natureza e sua ligação com ela é uma coisa que vai para além do esporte competitivo. Também, que o surfe é uma prática esportiva bastante inclusiva.

Aluno 14: A sustentabilidade e a sociedade dos surfistas.

É possível relacionar as respostas dos estudantes com as discussões afloradas em sala de aula a partir dos vídeos “Brasil, o País do Surf: A pesquisa reconhecendo o surfe” e “Ilhas das Flores”, e também com a aula sobre “Reciclagem e destinação adequada do lixo”, ou seja, a tematização do surfe e o meio ambiente foi significativa para os estudantes. O primeiro vídeo mostra como é o surfe e quem são seus praticantes; o segundo vídeo expõe como a geração de lixo impacta a natureza em nosso dia a dia, com suas reflexões aprofundadas na aula sobre “reciclagem”, em que foi abordado o tema do surfe e lixo, apresentando um surfista surfando em uma onda de lixo no mar. Nesse sentido, Santos, Garcia e Leitão (2023, p. 22) identificaram que

[...] os conteúdos não tradicionais da Educação Física, como o exemplo do Surfe, podem ser uma prática pedagógica que mobiliza o vínculo dos estudantes com temáticas fundamentais para nossa sociedade e promovem uma educação ambiental, por ter íntima relação com a cultura corporal das crianças e dos jovens, nos dias de hoje.

Supomos ainda que as discussões e reflexões geradas nas aulas impactaram a fala da estudante 1, pois para os surfistas essa prática é como uma religião, com seus próprios mandamentos (sendo estes parte de uma das atividades propostas em forma de brincadeira na terceira aula), consistindo em um estilo de vida que busca, através da natureza, o seu sustento, o hobby, a competição. Outro ponto de destaque da estudante 1 é sobre o surfe ser uma “prática esportiva bastante inclusiva”, com homens e mulheres participando de competições igualmente, não sofrendo preconceito, comparado a outros esportes, além das adaptações para pessoas com deficiência. Essas atitudes, segundo Milani e Darido (2016), funcionam como base para a formação de cidadãos autônomos que saibam valorizar o trabalho em grupo, respeitar as diferenças e buscar o diálogo em situações conflitantes.

Complementando a questão anterior, foi importante compreender o que os estudantes aprenderam com as aulas diante dos conteúdos procedimentais (o “saber fazer”), ante os fundamentos e técnicas relacionados às práticas corporais. Portanto, os estudantes foram indagados: **“O que aprendeu a fazer na prática realizada durante as aulas vivenciadas?”**, com alguns dos relatos apontando:

Aluna 4: Equilíbrio, coordenação motora.

Aluna 19: Qual lado certo da perna, como ficar em cima da prancha sentada e de pé, bater os braços e como levantar da prancha.

Aluna 15: A posição correta dos pés, equilíbrio, remar, sentar e ficar de joelhos na prancha.

Dessa forma, podemos inferir que ocorreu uma aprendizagem das habilidades básicas do surfe, em busca da construção do movimento específico, nesse caso, ficar em pé na prancha. Podemos observar que a estudante 4 destacou o equilíbrio, relacionado às

atividades de equilíbrio com *shapes* de skate em cima de garrafas pet cheias d'água, para criar um ambiente controlado. Ainda, o posicionamento dos pés na prancha (base) — Goofy e Regular — em que a estudante 19 destacou, quando ela diz “qual o lado certo da perna”. As respostas dos estudantes corroboram com os conteúdos procedimentais selecionados para esta unidade didática.

Ávila *et al.* (2020) também desenvolveram uma experiência pedagógica com o ensino das PCAs na natureza, destacando o surfe e o skate, no qual iniciaram com um paralelo entre o histórico da prática das duas modalidades, em que os alunos foram desafiados a buscarem semelhanças entre a prática do surfe e do skate.

É interessante destacar que, nas aulas práticas, a cada nova habilidade aprendida pelos estudantes, eles comemoravam, demonstrando felicidade ao conseguir a execução correta, principalmente quando alguns de seus colegas conseguiam realizar o movimento correto de ficar em pé sobre a prancha, mostrando uma atitude de união, de um time. Tal ato demonstra que não importa o desafio, no final todos conseguiram a sua superação.

Diante desse aprendizado sobre o surfe, cabe a nós, professores, compreender a visão dos estudantes, entender quais estratégias mais favorecem o processo de ensino e aprendizagem. Por esse motivo, perguntamos aos estudantes: **“Você gostou da forma em que as aulas foram ministradas? Explique”**. Nessa questão, obtivemos respostas positivas sobre a metodologia utilizada, destacando-se a relação entre teoria e prática, os seminários e a didática dos professores. É perceptível que os três elementos aparecem de forma conectada e, por isso, os discutiremos na mesma categoria de análise. Algumas das respostas foram:

Aluna 1: Sim. Gostei principalmente das misturas de aulas práticas e teóricas e também do trabalho final que nós fizemos. Foi tudo bem explicado e tudo feito com muita dedicação por parte dos estagiários e da professora.

Aluna 5: Sim, a professora conseguiu juntar a prática e a teoria de um modo bem legal e didático. Todos conseguiram ter uma ideia de como é praticar o surfe mesmo não tendo uma praia para se praticar.

Aluna 10: Sim, acredito que as aulas foram bem claras e explicativas, permitindo que o conteúdo (teórico e prático) fosse passado com clareza.

Ao observarmos os comentários, percebemos que a estudante 1 apresentou uma resposta diferente dos demais estudantes, como no trecho em que ela afirma “[...] também do trabalho final que nós fizemos”, no qual destacou a importância de se trabalhar com seminários. Neste caso, sugerimos os temas à turma, que foram discutidos e aceitos, dando autonomia para buscarem e construírem os conhecimentos para além daqueles que foram apresentados em sala de aula.

Outro exemplo foi a estudante 16, que destaca que aprendeu que “animais tem competição de surfe”. Esse conteúdo foi apresentado pelos estudantes durante os seminários, ou seja, a aprendizagem pelos pares, na horizontalidade:

A concepção da educação era essencialmente vertical: “eu sei, vocês não sabem. Eu puxo vocês”. Os professores, os pais, os chefes sabiam e saber é poder. O

que está acontecendo com a Internet é horizontal, não é mais a verticalidade, é a horizontalidade. Ou seja, a partilha do saber, do conhecimento. Mais uma vez, com tentativas e erros. A verticalidade é a educação, a horizontalidade é a iniciação. A verticalidade é a lei do pai, a horizontalidade é o que chamei: a lei dos irmãos (Maffesoli; Icle, 2011, p. 528).

As estudantes 1, 5 e 10 deixaram claro em suas respostas a importância da relação entre teoria, prática e a didática utilizada pelos professores. A teoria e a prática se complementam, na teoria, a partir de conhecimentos conceituais (como por exemplo no surfe, sobre a anatomia da prancha), já a prática é a junção do conhecimento para realização de um movimento ordenado (como por exemplo no surfe, para ficar em pé sobre a prancha, os pés devem ficar sobre o conjunto do *deck*) (Fortuna, 2016). Assim, para destacar a importância desta relação para a compreensão dos conteúdos:

É preciso dar subsídios para que os alunos compreendam o que aprendem, atribuindo significado à prática através dos conceitos, dos fatos, da análise crítica dos conteúdos e o estabelecimento de relações com a vida cotidiana, para que sejam capazes de entender o porquê de fazer determinado movimento ou vivenciar este ou aquele esporte, dança ou ginástica, enfim, é preciso que as experiências façam sentido para os alunos. É a aprendizagem para a vida, a relação entre os saberes e o mundo, os outros ou consigo mesmos, passando, então, a fazer sentido para eles (Kawashima, 2018, p. 644-645).

No âmbito da didática, buscamos, como professores, transmitir os conhecimentos de forma clara e em uma linguagem próxima daquelas utilizadas pelos estudantes, trazendo memes, filmes, atores e participantes de *reality shows* (que eram surfistas), para gerar uma conexão entre ambas as partes, dando oportunidade para as estudantes expressarem o seu jeito de pensar, o que compreenderam sobre o surfe ou a tematização proposta naquele dia.

Assim, corroboramos com Corrêa (2020, p. 6-7), que sugere como estratégias metodológicas a “[...] configuração dos espaços que permitem as experiências de aventura e, como instrumentos de avaliação, a elaboração de vídeos que possibilitem aos educandos autoavaliarem-se quanto a sua participação e aproveitamento”.

Nas respostas anteriores, percebemos que os estudantes aprenderam sobre o surfe, relatando, agora, o que mais lhes agradou durante as aulas, pela pergunta **“Na sua opinião, o que você mais gostou das aulas de surfe?”**. Algumas das respostas foram:

Aluna 1: As aulas na piscina, porque foi uma coisa que saiu do normal que estamos acostumados, nunca pensei que seria possível surfar na piscina. Gostei também do trabalho final, é sempre bem importante quando fechamos as práticas assim, porque podemos mostrar que realmente aprendemos e que sempre tem mais coisas para descobrir sobre os esportes.

Aluno 12: Eu gostei muito do trabalho em grupo (seminário), me instigou a querer saber mais e focar na causa do projeto em si.

Aluna 10: Gostei de obter conhecimentos a respeito da cultura surf, sua origem e também de sua prática.

Da mesma forma, outros estudantes preferiram as aulas na piscina, as estratégias didáticas, os seminários e a relação da teoria e prática. Ao analisar a resposta da

estudante 1, já no início de sua fala “As aulas na piscina, porque foi uma coisa que saiu do normal que estamos acostumados, nunca pensei que seria possível surfar na piscina”, fica perceptível que o meio líquido fornece infinitas possibilidades, apresentando a importância de ir além da quadra e da bola, e oportunizar a vivência de práticas corporais mais diversificadas.

Outro ponto importante deste relato é quando a mesma estudante diz: “Gostei também do trabalho final, é sempre bem importante quando fechamos as práticas assim”. Esta fala ressalta a importância de se avaliar os estudantes não necessariamente com avaliações fechadas, mas com seminários que dão autonomia, responsabilidade, trabalho em grupo e o conhecimento sobre o tema, algo importante para a vida dos estudantes, para um ensino que vai para além da escola.

A estudante conclui que “[...] porque podemos mostrar que realmente aprendemos e que sempre tem mais coisas para descobrir sobre os esportes”. Nesse momento, ela faz a conexão entre a teoria e a prática, ao afirmar que aprendeu o básico do surfe, e que esse básico não é tudo; entende-se que a aula de surfe lhe gerou curiosidade e, provavelmente, ela irá em busca de mais conhecimento sobre a temática.

Percebemos que alguns estudantes tendem a preferir apenas um conteúdo, como no exemplo da estudante 1. Outros gostaram da avaliação, como a estudante 12, da mesma forma que outros preferiram os conhecimentos conceituais (conhecer a história, cultura, respeito). Tais dados corroboram as hipóteses de Souza (2010), que conclui que

Conhecer as experiências dos jovens com a Educação Física e suas expectativas com relação a nossa atuação no projeto foi de fundamental importância para estabelecermos os objetivos específicos de nossa ação, bem como as estratégias metodológicas a serem utilizadas (p. 230).

Portanto, ao se pensar no planejamento das aulas, devemos buscar utilizar diferentes metodologias e estratégias, de forma a abranger uma grande parcela da turma e ampliar as vivências dos estudantes nas diferentes práticas corporais.

Por fim, a última pergunta realizada para os estudantes foi: “**Na sua opinião, o que faltou aprender ou o que você sugere que seja incluído na proposta de ensino do surfe?**”. Os resultados foram interessantes, pois grande parte dos estudantes respondeu estar satisfeita com a proposta.

Entendemos que as aulas foram de suma importância para a aprendizagem, porém, há alguns aspectos a serem discutidos, tendo como base alguns relatos. As estudantes 1 e 16 sugeriram “[...] ter mais contato com praticantes”. Esse ponto não foi abordado por haver poucos — ou quase nenhum — surfistas no estado de Mato Grosso.

Todavia, ao final do projeto, descobrimos que, na capital, Cuiabá/MT, e em outras cidades do estado, existe a prática do “surfe de rio” e, numa reflexão póstuma, poderíamos ter proporcionado aos estudantes uma aula prática de campo ou, até mesmo, convidar algum praticante para uma conversa com a turma.

Outro ponto importante, destacado pelas estudantes 4 e 5, discorre sobre a oferta de mais vivências práticas. Esse relato ocorreu devido à piscina ter passado por uma reforma durante o desenvolvimento do projeto, impossibilitando algumas aulas práticas, que precisaram ser adaptadas para o espaço da quadra, fora da piscina.

Considerações finais

Este texto apresentou o desenvolvimento de uma proposta pedagógica para o ensino do surfe nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. As aulas foram planejadas e adaptadas a partir da realidade do IFMT (*campus* Cuiabá), que possui uma piscina para experimentação da prática. Entretanto, mesmo dispondo de estrutura e materiais para as vivências, o planejamento inicial precisou ser adequado devido às reformas estruturais no *campus*, que envolveram a piscina. Algumas atividades que seriam propostas dentro da água foram desenvolvidas fora dela, inclusive tendo a necessidade de dialogar com outras PCAs, como foi o caso do *skate*.

As tematizações propostas foram capazes de fomentar o senso crítico e reflexivo dos estudantes, a partir da apresentação e discussão de temas de relevância social, como as questões de gênero e os preconceitos relacionados à cultura do surfe. A proposta didática aplicada se mostrou passível de ser replicada em outros contextos escolares, independentemente da escola possuir estrutura física e material, ficando a critério dos professores de Educação Física a adaptação necessária para sua realidade escolar.

Referências

- AMARAL, A.V.; DIAS, C. A. G. **Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe.** Niterói – RJ – Brasil, 2008.
- ARAÚJO, Larissa Mamede; SILVA, Victor Alexandre Ferreira e; OLIVEIRA, Natália Cristina de. Relato de experiência: a pedagogia do surf na educação básica. **Revista EDaPECI.** São Cristóvão (SE), v.18, n. 2, p. 158-163, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/edapeci/article/view/8546>. Acesso em: 3 nov. 2023.
- ATLAS DO PLÁSTICO. **Fatos e números sobre o mundo dos polímeros sintéticos.** Fundação Heinrich Böll. Novembro, 2020. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/2020-11/Atlas%20do%20Pl%C3%A1stico%20-%20overs%C3%A3o%20digital%20-%2030%20de%20novembro%20de%202020.pdf>. Acesso em: 3 maio 2022.
- ÁVILA, Luciana Toaldo Gentilini *et al.* Práticas corporais de aventura: uma experiência do PIBID educação física. **Cadernos do Aplicação,** Porto Alegre, v. 33, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/103130>. Acesso em: 4 nov. 2023.
- BASE, Luís Henrique; ALVES, Marco Antonio Ferreira; MARTINS, Erick Oliveira; COSTA, Roberto Fernandes da. Lesões em surfistas profissionais. **Rev Bras Med Esporte.** v. 13. n. 4. p. 251-253. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/XnLLHY5WxVtRgmVxKsj6N6y/>. Acesso em: 04 nov. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2007.

BETRÁN, Alberto Olivera; BETRÁN, Javier Olivera. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los critérios elegidos. **Apunts: Educación Física y Deportes**. Barcelona, v. 41, p. 108-123, 1995. Disponível em: https://revista-apunts.com/wp-content/uploads/2020/11/041_108-123_es.pdf. Acesso em: 4 nov. 2023.

BRASIL SURFE. **Apostila do curso de instrutor**. 2008. Disponível em: <http://brasilsurfschool.com.br/>. Acesso em: 4 nov. 2023.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 de janeiro de 2020.

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna. Perspectivas e limitações do trabalho com práticas corporais de aventura na escola: um relato de experiência. **Cadernos do Aplicação**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, 2020. DOI: 10.22456/2595-4377.104143. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/104143>. Acesso em: 4 nov. 2023.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHFORD, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de, DARIZ; Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação (UFpel)**, Pelotas, v. 45, p. 57-67, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/3822/3074>. Acesso em: 30 abr. 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na Escola: Conteúdos, duas Dimensões e Significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75.

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 64-72, 2016. ISSN 2447-3944. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/REBES/article/view/1056>. Acesso em: 04 nov. 2023.

FRANCO, Laércio Claro Pereira. Práticas corporais de aventura. In: DARIDO, Suraya Cristina (org.). **Educação física no ensino médio: diagnóstico, princípios e práticas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017, p. 295-321.

GASTÃO, Giulia Schaufert; GODOI, Marcos. Atividades aquáticas no Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Mato Grosso. In: KAWASHIMA, Larissa Beraldo; GODOI, Marcos; MARTINS, Elias (orgs.). **Educação Física no Ensino Médio Integrado da Rede Federal: compartilhando experiências**. [e-book]. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2021, p. 148-160.

KORSAKAS, Paula; FREIRE, Thatiana; SOUSA, Pedro; BRASIL, Vinicius Zeilmann; GALATTI, Larissa. **Desenvolvimento de Talentos Surfe Brasil 2021**. Confederação Brasileira de Surf. Disponível em: <https://cbsurf.org.br/desenvolvimento-de-talentos-no-surfe/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

MAFFESOLI, Michel; ICLE, Gilberto. Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 36, n. 2, 2011. Disponível

em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/20637>. Acesso em: 4 nov. 2023.

MILANI, Amanda Gabriele; DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos atitudinais no currículo de educação física do estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, 2016. DOI: 10.5216/rpp.v19i2.33201. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33201>. Acesso em: 4 nov. 2023.

MOREIRA, Miguel. **Surf**: da ciência à prática. Lisboa: FMH, 2009.

PÁDUA, Marcelo Munhoz da Rocha. **Surfe na piscina**: uma nova proposta metodológica para o processo de ensino-aprendizado do surfe. 2018. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado em Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

ROCHA, Liana Lima; SILVA, Maria Eleni Henrique da. Surfando para a vida: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora. In: **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 20, n. 1, jan./jun. 2018, p. 137-147. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/19113>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SANTOS, Isadora Carolina Monteiro; GARCIA, Isabela Lambardozzi; LEITÃO, Arnaldo Sifuentes. SURFANDO COM MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Cenas Educacionais**, [S. l.], v. 6, p. e17035, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.14180447. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/cenaseducacionais/article/view/17035>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SORIANO, Raúl Rojas. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

SOUZA, Carlos Eduardo de. Teoria e aspectos prático-metodológicos na Educação Física: Reforçando um método de intervenção com jovens matriculados no ensino médio. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 213–244, 2010. DOI: 10.22456/2595-4377.10175. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/10175>. Acesso em: 4 nov. 2023.

VIEIRA, Jayme Rissato; CARVALHO, Artur José Squarisi de. Estratégias de ensino dos esportes de aventura: perspectivas para os conteúdos da educação física escolar. In: PEREIRA, Dimitri Wuo (org.). **Pedagogia da aventura na escola**: proposições para a base nacional comum curricular. Várzea Paulista: Fontoura, 2019, p. 59-72.

Recebido: 10.09.2025
Aprovado: 04.03.2026
Publicado: 25.06.2026